



33° Caderno de
LITERATURA

INFINITAS
TECITURAS
**À ESCRITA
CRIATIVA**

8AJURIS

INFINITAS
TECITURAS
**À ESCRITA
CRIATIVA**

INFINITAS TECITURAS À ESCRITA CRIATIVA

DIREÇÃO 2024 | 2025

Presidente

Cristiano Vilhalba Flores

Vice-presidente Administrativa

Helena Ruppenthal Cunha

Vice-presidente de Patrimônio e Finanças

Thiago Dias da Cunha

Vice-presidente Cultural

Samyra Remzetti Bernardi

Vice-presidente Social

Amita Leão Barcellos Milleto

Vice-presidente de Aposentados

Nelita Teresa Davoglio

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

33° caderno de literatura : infinitas tecituras à
escrita criativa / organização Samyra Remzetti
Bernardi. -- 33. ed. -- Porto Alegre, RS :
AJURIS, 2024.

Vários autores.
ISBN 978-65-992702-8-4

1. Escrita criativa 2. Poesia brasileira -
Coletâneas I. Bernardi, Samyra Remzetti.

25-247522

CDD-B869.108

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia : Antologia : Literatura brasileira
B869.108

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

SUMÁRIO

01

Doadores

Adair Philippsen
pg. 14

02

**Aquela Casa
de Repouso**

Afif Simões Neto
pg. 18

03

**Escutar
ou calar?
O dilema da
justiça Social**

Ana Paula Sanches
pg. 24

04

O encontro

Ângelo Maraninchi
Giannakos
pg. 28

05

**Sonhos e
Realidade.
O Mundo
do Poeta**

Carlos Alberto
Bencke
pg. 32

06

**O poeta e
a bomba**

Carlos Saldanha
Legendre
pg. 36

07

**Olha o
camarão!**

Carmen Luiza
Rosa Constante
pg. 38

08

**O feriado
da lua**

Edith Salete Prando
Nepomuceno
pg. 44

09

**Quem a Justiça
(não) ouve**

Eduarda
Wandscheer Silveira
pg. 48

10

**O Escutar
de uma Voz
Perante a
Justiça**

Elisa Daniele
Alves dos Reis
pg. 52

11

**Dia
lindo**

Eugênia Amábilis
Gregorius
pg. 56

12

**Paredes
Branças**

Genacéia da
Silva Alberton
pg. 58



13

**Aos que Miram
Debalde
um Fogão
sem Lume**

Ícaro Carvalho de
Bem Osório
pg. 62

14

**Mãe de
adolescente**

Katiuscia Kuntz Brust
pg. 68

15

Reminicências

Luís Francisco Franco
pg. 74

19

**Afetos e
entusiasmos**

Paulo de Almeida
Ferreira
pg. 94

20

**A voz através
do silêncio**

Raqueli
Bohnenberger
pg. 98

21

Samyra Remzetti
Bernardi
pg. 102

16

**Aprendizado
internalizado**

Miguel Antonio Juchem
pg. 80

17

**A voz dos
injustiçados**

Naomi Schröder
pg. 86

18

La Chinita

Newton Fabrício
pg. 90

22

Ciclos da vida

Suênia Izabel Lino
de Souza
pg. 106

23

**A história que
ninguém ouviu**

Thyenrri Pietro
Mello dos Santos
pg. 110

24

Perdedores

Wilson Rodycz
pg. 114





PREFÁCIO

Cristiano Vilhalba Flores

Presidente da AJURIS

Samyra Remzetti Bernardi

Vice-presidente Cultural da AJURIS

A magistratura comumente se manifesta por meio da escrita. São infinitas decisões, sentenças e atas produzidas todos os dias. Porém, trata-se de uma escrita técnica, por mais que, muitas vezes, seja necessário também transmitir humanidade.

Entre regras processuais ou materiais, brocardos latinos ou linguagem simples, artigos, parágrafos e incisos, decretos, homologações, declarações e condenações, muitas vezes o hábito de escrever se torna um mero dever.

O Caderno de Literatura da Ajuris surgiu, então, como um paraquedas para auxiliar colegas e convidados a respirarem e treinarem a escrita sensível, poética e lírica. Ao escreverem sobre as belezas e angústias ao seu redor, os magistrados expõem muito do que, às vezes, se esconde por debaixo da toga.

Na sua 33ª Edição, a Ajuris propôs um desafio: um curso de iniciação à escrita criativa. Assim, tivemos autores acostumados às publicações se desafiando em gêneros que nunca haviam enfrentado. Também observamos o surgimento de novos autores, que se empolgaram com a ideia de tentar algo novo e, quem sabe, transformar sua forma de lidar com a escrita.

Além disso, coroamos a edição com as redações premiadas na 2ª edição do Prêmio Ajuris de Redação nas Escolas. Os alunos, tanto do ensino fundamental quanto do ensino médio, foram desafiados a discorrer sobre a importância da escuta, sob o tema: “Ouçam bem o que venho dizer: quem a Justiça precisa ouvir?”.

Este Caderno de Literatura, portanto, é especial. Significa tradição, renovação e aventura.

Aproveite a leitura!





DOADORES

Adair Philippsen

Magistrado
aposentado,
prefeito reeleito de
Santo Cristo (RS).

Que o mosquito é um inseto indiscriminador e onipresente, já sabíamos. Pelo menos é o que se constata nas noites de verão escaldante. Sim, pois está em todos os lugares: nas cidades e no interior, nas mansões e nos casebres, em festas e em cemitérios, em lares e lupanares. E, com seu zumbido insistente e chato, ataca sem a menor discriminação de idade, sexo, cor, profissão, religião ou categoria social.

Depois, sua reprodução é tão fantástica que até mesmo Noé não deve ter conseguido levar apenas um casal deles em sua arca. A Bíblia não esclarece com exatidão, porém é fácil imaginar as nuvens do inseto que devem ter atacado Noé e os animais remanescentes, após o dilúvio, devido ao lodaçal formado ao fim da chuvarada. Tanto que os mosquitos acabaram por se converter em uma das pragas do Egito.

Desde lá nos acostumamos a seu zunido, que atazana nossos ouvidos, e ao impiedoso ataque de espetadas e sugamentos, provocando aquelas conhecidas e doloridas coceiras. Isso sem se falar de dengue, malária e outras pestilências.

Mas o que não se sabia é que os pernilongos têm lá a sua utilidade. Foi o que demonstrou, há algum tempo, uma reportagem de Zero Hora. A indagação foi: o que há de bom nessas criaturinhas? Entrevistada, uma especialista referiu ser o mosquito fator de equilíbrio natural, pois serve de alimento a outros seres, como sapos (argh!), peixes e aves. De modo que, se acaso erradicada a sedenta espécie, poderá ser abalado o equilíbrio ecológico e ser substituída por outros seres, talvez mais vorazes.

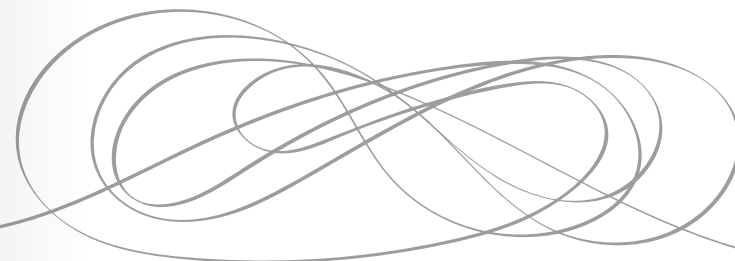
Cabe-nos, portanto, diminuir a batalha, mesmo porque são pouco eficazes nossas armas, limitadas apenas a mosquiteiros, protetores, repelentes e raquetes elétricas. Precisamos continuar a servir de pasto ao abominável Drácula voador. Estoicos, prossigamos a doar nossa seiva para que não venha em seu lugar, com mais sede e em maior número, uma infestação de percevejos, barbeiros, morcegos e outros mais.

**Cabe-nos,
portanto,
diminuir a
batalha, mesmo
porque são
pouco eficazes
nossas armas,
limitadas
apenas a
mosquiteiros,
protetores,
repelentes
e raquetes
elétricas.**

Ou talvez o melhor meio de prevenção para as noites maldormidas seja a que ouvi outro dia: espalhar jornais pelo quarto com o cuidado de manter uma lâmpada acesa – referiu a pessoa com ar de palestrante. Indagada se a tática funciona, respondeu-me ela:

– Resolver, não sei se resolve. Os pernilongos, no entanto, ficarão lendo até clarear o dia, sem causar maior incômodo. E, se forem as sanguinolentas páginas policiais, talvez se detenham por mais tempo...

Do contrário e pontofinalizando, como esses sanguinários estão em toda parte, rogamos aos mosquitos com acesso a esta crônica que continuem a servir-se de nós, cada qual um conformado doador de seu alimento. Tudo por uma questão de equilíbrio.





2

AQUELA **CASA DE REPOUSO**

Afif Simões Neto

Desembargador do
TJ/RS. Autor de 06
(seis) livros – crônicas e
biografia.

A pequena sacada do meu apartamento em Santa Maria dá para os fundos de uma casa geriátrica, muito bem cuidada, diga-se de passagem. Não imagino qual seja o nome do residencial que, mediante paga, agasalha as pessoas idosas, mas isso não passa de um detalhe de somenos importância. É um pátio de muro alto, composto de heras, com o piso parecido com grama sintética, muito utilizada hoje nas quadras de futebol sete. Tem vasos com folhagens no entorno do recinto. Há dois bancos fixos de madeira em frente a um arremedo de caramanchão, logo na entrada. Ah, e tem também uma ameixeira na lateral do terreno, bem próxima de fazer alguma sombra no ano que vem, dando de barato. Um domingo, por sinal, encontrei na frente desse prédio um amigo lá de São Sepé que fora, com a mulher e uma netinha linda e esperta, visitar a mãe que se encontrava hospedada naquele lugar, vitimada por Alzheimer ou algo do gênero. A guriuzinha veio toda enfeitada para visitar a vó, que, é bem provável, já nem sabia mais quem era aquela criança.

**Não sei por quais estradas do mundo
aquelas senhoras andaram antes de parar
naquele lugar. Mas uma coisa é certa: elas
não nasceram na casa de repouso.**

Pois numa tarde dessas, de clima ameno e um sol sem defeito, avistei seis senhoras, três de cada lado, uma de frente para outra naquela área arborizada. Claro que, pela distância da minha sacada àquele pátio, não se escutava o conteúdo das conversas, mas, pelos gestos raros e comedidos, dava para ver que era uma prosa silenciosa, quase sibilada, girando apenas sobre o essencialmente necessário. Deveriam trocar, presumo eu, receitas de comidas diferentes, de tachadas de doces portugueses, de compotas de abóbora, de pêssego, de figo, ambrosias requeimadas e talvez algum comentário malfazejo sobre o estrago que a pandemia tinha causado nos mais velhos. Fora a chuvarada com vento que estava por chegar segundo a mulher que fala sobre o tempo na televisão, e que levaria tudo por diante, principalmente os telhados das casas mais simplórias.

Não sei por quais estradas do mundo aquelas senhoras andaram antes de parar naquele lugar. Mas uma coisa é certa: elas não nasceram na casa de repouso. Estavam ali por razões circunstanciais, que nem vem ao caso agora examinar, pois a história de cada uma é única e não bate com a da outra. Bem lá atrás, em um tempo imemorial, é fácil imaginar que o coraçãozinho acelerado no peito delas parecia que ia sair pela boca quando foram pedidas em namoro. Frequentaram bailes, pularam carnavais, foram a festas de casamento, formaturas e amaram. Amaram demasiado, febrilmente. Tiveram casas, marido, sonhos e filhos, e cuidaram dos netos até mais que dos filhos. Hoje, aceitam resignadas – aquelas que ainda raciocinam - o fim daquilo que parecia não ter fim.

Assim são as pessoas!

Na infância - e muito mais nos verdores da juventude - são intensas de viço, de invejosa vitalidade, mas, com o passar dos anos, vão ficando ultrapassadas e fenecem. É claro que ninguém gosta de ficar velho, de sair de cena sem ser notado, mas, ainda que a gente não sinta o rufo sucessivo das suas asas, o tempo “avoa”. Mesmo que os espelhos faltem descaradamente com a verdade a cada mirada matutina, é certo que o tempo não consegue colocar uma tranca de ferro nos ponteiros do relógio, tão pontual no horário quanto a passagem da areia fina pela garganta da ampulheta durante os anos que se sucedem.

**Na infância –
e muito mais
nos verdores
da juventude
– são intensas
de viço, de
invejosa
vitalidade,
mas, com
o passar
dos anos,
vão ficando
ultrapassadas
e fenecem.**

Ficam das pessoas o nome de batismo e uma esmaecida fisionomia na memória dos outros, sem contar retratos velhos que os pósteros irão encontrar na última gaveta dos sobrados abandonados, além de uma saudade doce e emotiva. A mesma lembrança delicada que algum familiar mais chegado vai guardar para sempre daquelas senhoras da casa de repouso...

3

ESCUTAR OU CALAR? **O DILEMA DA JUSTIÇA SOCIAL**

Ana Paula Sanches

Aluna que conquistou
o segundo lugar Ensino
Médio no II Prêmio
AJURIS de Redação
nas Escolas

“Pai afasta de mim esse cálice” - verso memorável presente na música “Cálice” de Chico Buarque e Gilberto Gil - ecoa como um grito de angústia e indignação inspirado pela vida no período sombrio da ditadura militar, no qual a censura e a opressão calaram vozes que buscavam liberdade e justiça. Ainda hoje, milhões de vozes são silenciadas e grupos marginalizados continuam invisibilizados na e pela a sociedade. Essas comunidades, que incluem sua maioria indígenas, negros e mulheres, passaram por diversos períodos da história sendo esquecidos e vivendo nas sombras do corpo social, porém, é essencial que, como na canção, a sociedade se abra para escutar e honrar essas vozes não ouvidas e, dessa forma, entra o papel da justiça na escuta desse cidadãos.

Ao longo do século, os povos indígenas têm enfrentado violações sistemáticas de seus direitos territoriais e culturais. Nos últimos anos, a situação de desamparo dos Yanomami, no norte do país, foi a que mais ganhou visibilidade na imprensa nacional. Suas terras são invadidas e garimpadas sem sua permissão, sofrem com o desmatamento e são palco de conflitos violentos que mutilam suas identidades culturais e violam sua dignidade humana. Além dessas terríveis adversidades, a questão da fome se soma como uma das piores mazelas, negando-lhes todos os direitos anteriores e, principalmente suas vozes.

Em outro contexto sócio-temporal, o livro “Quarto de Despejo” emerge como um testemunho visceral da vida de Carolina Maria de Jesus, uma mulher corajosa e resiliente que desafiou as barreiras da invisibilização. Seus relatos revelam não apenas as dificuldades financeiras, mas também expõem a violência sistêmica que as mulheres enfrentam nas favelas, onde a insegurança e a exploração são uma presença constante. Além disso, as palavras de Carolina lançam luz sobre a amarga verdade da desigualdade racial no Brasil, onde os negros são a minoria nas universidades e altos cargos, enquanto constituem a maioria na população

carcerária. Essa disparidade brutal destaca o eco ensurdecedor das vozes silenciadas, em que a opressão histórica persistente relega as narrativas das pessoas marginalizadas à obscuridade.

Portanto, a justiça tem a obrigação de escutar as vozes que foram historicamente silenciadas. Assim como a música “Cálice” expressa, é essencial que a sociedade esteja atenta às angústias e aspirações das comunidades marginalizadas, dos indígenas, negros, às mulheres e todos aqueles que foram e ainda são invisibilizados. Da mesma forma, a vida e a luta de Carolina Maria de Jesus reforçam a importância de dar espaço às vozes que há muitos anos foram ignoradas. A verdadeira justiça só pode ser alcançada quando todos tiverem a oportunidade de serem ouvidos e, é através da abertura para essas vozes, que a sociedade pode se mover em direção a um futuro acolhedor e equitativo.

4 O ENCONTRO

Ângelo Maraninchi Giannakos

Desembargador aposentado do Tribunal de Justiça do Estado. Professor da Escola de Direito da PUCRS (por 31 anos). Mestre em Direito pela PUCRS. Especialista em Direito do Consumidor pela AJURIS/UFRGS.

Já eram 20 horas.

Ele chegou de terno cinza, camisa branca, gravata azul e sapatos pretos.

Estava ansioso pela realização do evento.

Saindo da Pandemia do COVID-19, depois de tantos meses reclusos.

Finalmente estava sendo realizado um evento social.

Mas o medo, o receio de encontrar outras pessoas sem máscara era real, após perder sua esposa pela doença.

Este sentimento era comum entre os presentes, mas todos buscavam retomar a vida social.

Que alegria ver muita gente conhecida e por terem superado meses difíceis. Mas muitos ainda guardavam uma tristeza pela perda de parentes e amigos pela Pandemia.

Ele encontrou a mesa indicada na recepção.

Cumprimentou os casais de amigos e amigas que já estavam na mesa.

Todos demonstravam a alegria do reencontro social.

Abraços calorosos, demonstrando a alegria do encontro.

Depois da janta ele se levantou e foi cumprimentar pessoas amigas de outras mesas.

Até que ele encontrou a mesa em que ela estava.

Os olhares se encontraram.

Dúvida: me aproximo e cumprimento? Ou apenas abano?

**Dúvida: me
aproximo e
cumprimento?
Ou apenas
abano?**

Ele encontrou a coragem. Ou a coragem o encontrou.

Se aproximou da mesa e se dirigiu à ela.

Ela olhou para cima, sorriu e levantou para se cumprimentarem.

A conversa mansa e superficial fluiu normalmente, depois de tantos meses sem encontros sociais.

Mas a impressão foi de que eles gostaram de se encontrar.

Chegaram outras pessoas e tiveram que dividir a conversa.

Ele retornou para sua mesa com uma sensação estranha, diferente.

Medo? Medo do novo?

Medo de uma aventura?

Medo de uma nova paixão?

Mas agora?

Nesta fase da vida?



5

SONHOS E REALIDADE. **O MUNDO DO POETA**

Carlos Alberto Bencke

Mestre em Direito,
Desembargador
jubilado, Advogado.

Estava difícil de ler. Li, reli, tresli, será que entendi? Minha pouca percepção filosófica quase me impediu de continuar, mas continuei, perseverei e fui premiado pela clareza do ponto de vista do poeta, porque percebi fases nas frases. Fases de vida nas frases. Uma real e outra onírica. E também a separação feita: eles pra lá, eu pra cá. Simplifiquei demais? Fui adiante. E percebi o poeta sonhador com sonhos e o louco com loucura. Redundância, sim, mas legítima para expressar o vigor das palavras.

Só um pedacinho não concordei, foi quando o poeta com sonhos quer viver só no seu mundo, sem ser entendido por homens do mundo real. Mas, por quê? Eu acho que o homem é um ser social, na contramão do mundo perfeito dos sonhos. Até para sonhar, ter esperanças, devanear, divagar, desvairar,

**Quem sabe o anonimato do poeta?
Uma ideia de pseudônimo precisa
ser pensada, refletida e pesadas
as consequências.**

34

enlouquecer é preciso estar no mundo, pois sempre será cercado pelo mundo imperfeito da realidade. O poeta tem de ter poetisidade, o cavalo tem de ter cavalidade, o sonhador tem de ter sonhalidade e o homem tem de ter humanidade. Concordo que tudo é permitido enquanto o sonho é sonhado. O poeta, liberdade para escolha, pois o que está posto contraria seus sonhos. Tudo está posto? Não, não está, mas até chegar a esta conclusão, como disse o poeta ao fim e ao cabo, será tarde, *pois a realidade da morte o sonho não aceitou.*

35

Quem sabe o anonimato do poeta? Uma ideia de pseudônimo precisa ser pensada, refletida e pesadas as consequências. Se te chamam de covarde por esconder teu nome é porque não entenderam a realidade do sonhador. Mas estes que se lixem, como diria aquele potentado da República. Homens que entram nos teus sonhos, invadindo-os, não os entendendo, é porque sequer sonham como aqueles sonhos sonhados pelo sonhador. Pseudônimo neles!!!



O POETA E A BOMBA

Carlos Saldanha Legendre

Poeta, escritor,
desembargador inativo
e membro da Academia
Brasileira de Filosofia.

a Antonio Carlos Secchin

O poeta veio e se instalou na arena
do abismo e convocou o caos e as rimas,
os prazeres sexuais, doidas esgrimas,
tudo mais que pudesse estar em cena.

Não omitiu o nojo, até a gangrena
do inimigo escondido na latrina.
Ao poeta é dado enlouquecer na esquina,
assim ficando com saúde plena.

A sua missão é sempre bela e brava:
cristal que susta a pedra contra a pomba,
o soco na armadura e a mão na trava.

O poeta se converte em homem-bomba,
liberando o hidrogênio da palavra,
de maneira a explodir a própria sombra.



7

OLHA O **CAMARÃO!**

Carmen Luíza Rosa Constante

Juíza de Direito,
Comarca de Lajeado,
Mestre em Direito

Já era próximo das 10 horas quando a Kombi azul iniciou sua viagem em direção a Porto Alegre. Pesada, deslocava-se devagar. Seus três ocupantes sentados na boleia seguiam mergulhados em seus pensamentos. Lino, o motorista, fazia cálculos mentais acerca do lucro que ganharia com a venda dos 400 quilos de camarão comprados em Rio Grande pouco antes da partida. Ao seu lado, os caroneiros Milanez e Krause, liam em voz alta o Polígrafo de Bioquímica, pois a difícil prova na Faculdade de Medicina onde os três estudavam, seria logo em seguida. Todos tinham dificuldades para se manter estudando. Para Lino, a venda da preciosa carga no Mercado Público em Porto Alegre proporcionaria um ano de custeio em Rio Grande e a possibilidade de maior dedicação aos estudos.

O tempo passava lentamente, de repente Porto Alegre lhes parecia mais distante que de costume.

Os demais aproveitaram a carona para voltar para casa e passar o fim de semana com os familiares. O tempo passava lentamente, de repente Porto Alegre lhes parecia mais distante que de costume. Passadas mais de 5 horas, a proximidade com as pontes em Guaíba fez com que respirassem aliviados. E o estudo continuava... Krause descrevia o Ciclo de Krebs nos mínimos detalhes. Concentrados, os outros dois escutavam.

As ideias se sucediam: respiração celular, matriz mitocondrial, Posto de Fiscalização, ácido cítrico, sinal para parar, glicólise, perseguição policial...

Milanez grita para o motorista: — Oh! Lino, por que é que tu não parou?

Lino responde: — Não, isso é isento – como se o fiscal tributário tivesse a obrigação de saber o que estavam transportando.

Após a dramática abordagem, quebrada a grossa camada de gelo que cobria o camarão e constatada a isenção tributária da carga, foram liberados, mas não sem antes levarem uma tremenda bronca do fiscal.

A chegada ao destino lhes proporcionou imenso alívio, que para Lino durou pouco, pois o proprietário da banca de pescados do Mercado Público, que havia encomendado, desistiu da compra.

Desolados, saíram do Mercado, perguntando entre si sobre o que fazer com os 400 quilos de camarão.

Mas nenhuma situação é tão ruim que não possa piorar; ao chegarem na Kombi verificaram que foram multados por estacionar em local proibido.

Krause seguiu seu rumo.

A Kombi saiu chorando em direção ao Bairro Higienópolis.

A chegada na casa da família Girardi causou bastante alvoroço. Os pais de Lino ficaram perplexos, afinal de contas eram 400 quilos de camarão!

A noite caía e a solução imediata encontrada foi estacionar a Kombi na esquina, com uma placa, e vender o camarão para os que ali passavam. E como quem tem um amigo nunca está só, Lino pôde contar com a ajuda de Milanez para a inusitada empreitada.

Entretanto, mesmo que a venda na esquina tenha sido um sucesso, ainda sobrou muito camarão, tanto que, no dia seguinte, precisaram cozinhar o restante para não estragar. Toda a família se envolveu na missão, inclusive a namorada de Lino. Não havia panela que chegasse para o cozimento!

O cheiro estava por toda a parte.

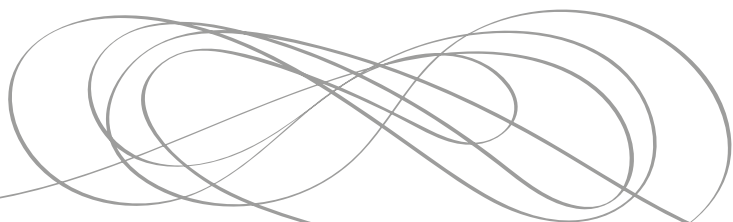
As vendas continuaram e até se estenderam à Vila dos Comerciários onde Milanez residia. Lá contaram com a ajuda de André, seu irmão menor, que se encarregou de anunciar a novidade:

— Olha o Camarão! Olha o camarão!

O pessoal do bairro adorou, ainda mais que o camarão era graúdo e bonito, chegando a fazer fila na frente da casa com suas vasilhas embaixo do braço. Lino é claro, aproveitou para vender mais caro o camarão cozido e descascado. O sucesso foi tão grande que faltou camarão para atender a todos, até para a própria família Girardi que quando se deu conta havia acabado.

Era abril de 1970, pouco antes da Páscoa, tempos difíceis, mas que, se faltava dinheiro, não faltava coragem e determinação. A propósito, a quantia arrecadada serviu para Lino cursar o segundo ano da Faculdade de Medicina sem preocupações e ainda ressarcir o Centro Acadêmico da Faculdade, do qual ele era tesoureiro, pois o dinheiro da compra do camarão era dele.

No dia 7 de dezembro próximo, Lino, Milanez e Krause completarão 50 anos de formatura!





"O FERIADO DA LUA"

Edith Salete Prando Nepomuceno

Juíza de Direito e Professora
Universitária jubilada, instrutora de
mediação, dedicada à Mediação
Judicial e Privada, autora de
vários artigos sobre Mediação
Familiar (Editoras Imprensa Livre e
Casa do Psicólogo).

Esta noite a lua decretou - feriado!

Não consultou suas assessoras, as estrelas
que lhe serviam de lado a lado.

Nem sequer enviou para o Deus Sol qualquer
A.R. ou comunicado!

Simplesmente, ela, a Lua, queria uma pausa.

Sem data marcada, sem prazo de fim ou
início.

Esta noite, a Lua queria ser ela mesma, viver!

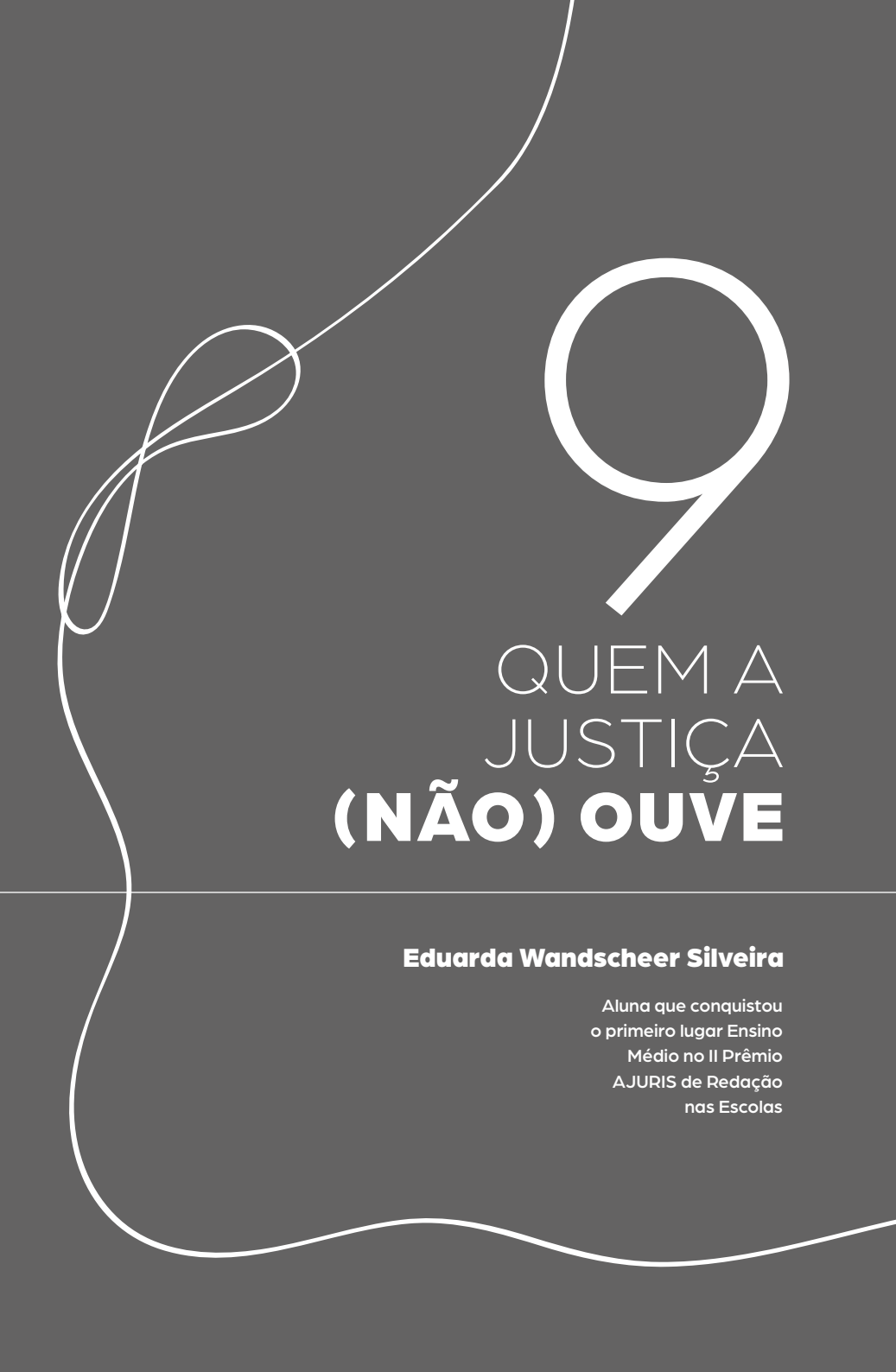
Sem servilismo aos boêmios, namorados,
poetas...

Decretou feriado às poesias clássicas,
como também às banais serenatas.

E pousou, bem no alto, com ardor,
de nuvem em nuvem, à procura de um grande
amor,
mas nada encontrou.
A Lua desceu, e andou, e andou,
em cortinas de névoa espessa,
para encontrar um companheiro, um amigo,
mas não encontrou: que castigo!
E foi descendo, descendo,
Entre brancas fumaças, sem destino,
à procura de alguém qualquer!

**E foi descendo,
descendo,
entre brancas
fumaças,
sem destino,
à procura
de alguém
qualquer!**

Respingos ou lágrimas de prata
começaram a cintilar no espaço
caindo em suave cascata.
Até que, mansamente, viu despontar
tênuos raios do Deus Sol, vibrando,
harmoniosos, em si bemol,
como a cantar:
a culpa é sua, minha boa lua!
Então ela se encolheu, tímida
O choro inconsolado:
naquela noite, seu próprio coração
tinha magoado:
a Lua, naquela noite, decretou
feriado!



9 QUEM A JUSTIÇA (NÃO) OUVE

Eduarda Wandscheer Silveira

Aluna que conquistou
o primeiro lugar Ensino
Médio no II Prêmio
AJURIS de Redação
nas Escolas

“A justiça tarda mas não falha”, tal ditado popular reflete uma ideia do que deveria ser a justiça: um sistema que pode não ser o melhor, porém, têm êxito em sua totalidade. Entretanto, essa ideia mostra-se fantasiosa ao levar em consideração o contexto atual, uma vez que o tão aclamado sistema judicial, muitas vezes não ouve aqueles que mais precisam dele. Assim, sujeitos que em sua generalidade são mais fragilizados, têm suas oportunidades de buscar por paridade vedadas pelos mais variados motivos.

A exemplo disso, é possível citar o famoso caso de violência contra a Maria da Penha. Ela, uma farmacêutica natural do Ceará, enfrentava dentro de sua própria casa o abuso realizado pelo seu marido, e, ao buscar por justiça e denunciar seu agressor, teve que combater a falta de apoio e desconfiança por parte das autoridades.

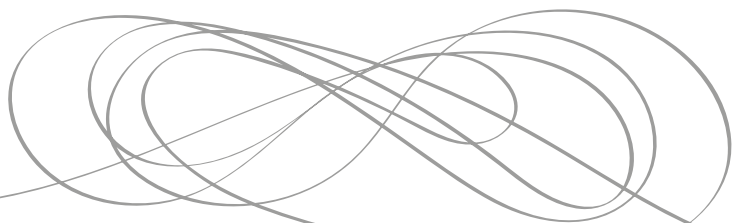
Ademais, não são apenas episódios de grande repercussão que refletem a pouca atenção e segurança jurídica concedidas às camadas mais vulneráveis da sociedade. Todos os dias, mães são afastadas de seus filhos, trabalhadores sofrem em local de trabalho, entre outros. Ou seja, histórias como a de Maria frequentemente advém de cidadãos que não foram escutados por quem deveria protegê-los.

Além disso, vale ressaltar que o grande número de injustiças não é causado somente por negligência ou aspectos de igual natureza, mas sim, é uma consequência da precariedade que abrange tal sistema. Escassez de recursos e transparência, má gestão, a morosidade que acompanha cada processo e a corrupção são apenas alguns dos obstáculos que marcam presença quando algum

**Histórias como
a de Maria
frequentemente
advém de
cidadãos que
não foram
escutados por
quem deveria
protegê-los.**

indivíduo resolve procurar por equidade e consideração por parte da lei. Desta forma, as pessoas também são coagidas - pela sua própria desconfiança na infraestrutura jurídica - a desistirem de serem ouvidas, visto que terão de enfrentar imensos impasses durante sua luta.

Portanto, diferentemente da ideia repassada pelo supramencionado ditado popular, a justiça tarda, e sim, falha. Todavia, essa cruel realidade não deveria impedi-la de, de uma vez por todas, escutar a farmacêutica, a mãe, o filho, o trabalhador e qualquer outro que necessite dela. Outrossim, o ideal, mas ainda utópico, seria se esse sistema deixasse de tratar como iguais aqueles para os quais a vida foi/é desigual. Pois, nas palavras do político e jurista brasileiro Rui Barbosa, “Se os fracos não têm a força das armas, que se armem com a força do seu direito”.



10

O ESCUTAR DE UMA VOZ **PERANTE A JUSTIÇA**

Elisa Daniele Alves dos Reis

Aluna que conquistou o
terceiro lugar no Ensino
Médio no II Prêmio AJURIS
de Redação nas Escolas

No coração de um sistema jurídico justo e equitativo reside a essência da igualdade e da imparcialidade. A pergunta crucial que se coloca é: a quem a justiça deve realmente ouvir? A resposta vai além das palavras proferidas dos tribunais, alcançando as vozes muitas vezes silenciadas pela marginalização e pelo preconceito. A justiça não pode ser cega para as histórias dos oprimidos, para as experiências dos subjugados.

**A justiça deve ouvir a chamada da
compaixão e empatia. Por trás de cada
processo, há seres humanos com histórias
de vidas complexas e experiências únicas.**

A voz dos menos privilegiados deve ecoar com a mesma intensidade que a dos poderosos. É imperativo ouvir as vítimas de discriminação, os marginalizados pela sociedade e aqueles que sofrem sob a opressão. A justiça verdadeira requer uma análise minuciosa das perspectivas de todos os envolvidos, a fim de entender as nuances e contextos que cercam cada caso.

Além disso, a justiça deve ouvir a voz da razão, da lógica e da evidência. O sistema legal não pode ser guiado apenas por sentimentos e opiniões, mas deve se alicerçar em fatos concretos e análises imparciais. A expertise dos especialistas e a sabedoria dos juristas desempenham um papel fundamental na construção de decisões justas e bem fundamentadas.

Entretanto, a justiça deve ouvir a chamada da compaixão e empatia. Por trás de cada processo, há seres humanos com histórias de vidas complexas e experiências únicas. A capacidade de compreender a dor e o sofrimento alheio é crucial para garantir que as decisões tomadas não apenas cumpram a lei, mas também atendam ao senso de humanidade que deve permear qualquer sistema legal digno.

Em resumo, a pergunta “quem a justiça deve ouvir?” responde-se com um coro de vozes diversas: os especialistas, os juristas, mas também os marginalizados, os oprimidos e as vítimas. Uma justiça autêntica é aquela que ouve, compreende e considera todas essas vozes, buscando equilíbrio entre a lei e a compaixão, entre a imparcialidade e a empatia. Somente quando todas essas vozes forem ouvidas é que a justiça será verdadeiramente efetiva.



11

DIA
LINDO

Eugênia Amábilis Gregorius

Juíza de Direito do
Estado do Rio Grande
do Sul. Mestra em Direito
Público na Unisinos.

Hoje, um dia lindo, lindo, um dia cinzento, chuva lá fora, uma sensação de frio, sim um dia lindo.

Esses dias tão acostumados a serem alçados a dias não tão bons, para o meu sentir, nas minhas experiências, são, sim, dias lindos.

Lindos, pois consigo extrair o máximo de mim e o mínimo de contentamentos externos.

Lindos, pois a neblina consegue expor o que tenho encoberto por dias.

Lindos, pois a sensação de frio lá fora traz o aconchego que necessito aqui dentro.

E assim se vão dias lindos em um novo amanhecer que trará um dia de ensolarado.

Esperar, agora, por mais um dia cinzento, que trará a sensação de paz.



12

PAREDES **BRANCAS**

Genacéia da Silva Alberton

Desembargadora
Aposentada TJRS.
genaceiaalberton@gmail.com.
Escrever é ato de liberdade.

Um sopro quente sem aparente origem me faz acordar. Paredes brancas, silêncio da solidão e o espaço reduzido de uma maca. Nada lembra o que foi a alegria do amanhecer, um dia atribulado de trabalho com seus embates. Poderia ter sido igual a tantos outros. Porém, não foi. Tudo foi reduzido a um tempo sem minuto, a um espaço sem sentido. Tudo se transformou. Agora, sou apenas um corpo inerte que tenta sobreviver. Os movimentos desejados não são realizados. Ficam retidos no plano das ideias. Eu tento gritar ou meramente falar. Mas saem apenas ruídos incompreensíveis.

Lembranças vêm à mente. São figuras de entes queridos que estiveram presos em seus corpos. Recordo o circular silencioso de cadeiras de rodas, olhos que perdiam o brilho da vida e ganhavam o vácuo da finitude que se aproximava sem que eu tivesse condições de impedir o desenlace. Foram-se e não os pude deter. Agora, eu vivo o que aquelas pessoas sofreram. Eu as amava, mas não percebi a dimensão das suas dores, a violência das suas mágoas.

Hoje, é meu corpo que se nega a responder. E ainda, por dias, que parecem séculos, não aceito a realidade. Espero ser acolhida por aquela que, na infância, foi meu porto seguro, a referência de fortaleza, de proteção. Espero por minha mãe. Por isso, ao perceber a porta

**Espero ser
acolhida por
aquela que,
na infância,
foi meu porto
seguro, a
referência de
fortaleza, de
proteção.**

do quarto se abrindo, espero ver seu sorriso. Por que ela não vem? Ela sempre esteve ao meu lado nas alegrias e nas tristezas, sem exigir vitórias ou julgar minhas derrotas. Somente aos poucos me dou conta de que ela não virá. É apenas uma emoção do passado que eu tento resgatar e que a morte sepultou. Talvez eu esteja em uma peça teatral... Este momento é apenas parte de um texto dolorido que espero tenha fim. Todavia, as cortinas imaginárias não baixam. Sinto que não é tempo de representar.

Nas paredes brancas vejo o reflexo do sol. Não é peça, não é sonho. Sou apenas um corpo inerte, uma garganta sem voz. As paredes estão iluminadas e exigem novos desenhos. É preciso escolher. É mais um desafio. Resistir é preciso. Sim, reagir e seguir.

13

AOS QUE MIRAM DEBALDE **UM FOGÃO SEM LUME**

Ícaro Carvalho de Bem Osório

Desembargador e 1º
Vice-Presidente do
Tribunal de Justiça do RS.
Membro nato do Conselho
Deliberativo da AJURIS.

Inspecionando o porta-luvas do meu carro me deparei com com vários tabletes de torrone, doce aquele vendido apressadamente por adolescentes nas sinaleiras da capital de todos os gaúchos. Adquiri-los é a forma que tenho de minimizar meu sentimento de inércia em ser protagonista de algo mais prático e tenaz no combate ao fato gerador daquele cenário urbano, embora seja eu contribuinte monetário mensal de instituições com esse desiderato.

A neve dos anos que cai sobre nossos cabelos nos fazem mais sensíveis aos cenários dessa estirpe, talvez porque tenhamos mais capacidade de fazer um juízo de valor sobre o sofrimento humano, este de vários matizes, com os quais, ao menos alguns deles, todos nós já nos deparamos em algum momento dessa estrada terrena.

Quem já não saiu frustrado de uma audiência em que não se conseguiu um resultado satisfatório?

Alusivo ao sofrimento alheio, é tema candente para nós magistrados no manuseio dos infindáveis processos que aportam em nossos gabinetes. Este, o sofrimento, vem rastreando as partes desde há muito, trazendo elas a reboque nas narrativas e nos pedidos que nos fazem, com a esperança quase pueril de que, com nossa imaginária varinha de condão, vamos ao menos arrefecer os efeitos daquele parasita que insiste em lhes sugar parte da estabilidade emocional.

O juiz, como bom hospedeiro, chama para si o *imbroglio* e se vale de tudo aquilo que aprendeu não só nos bancos escolares, mas principalmente na vida. Sua escala de valores entra em cena e busca insistentemente trazer à tona aquilo que mais se aproxime do justo. Este, o justo, é critério com forte carga de subjetividade, eu sei, todos sabemos, mas ali ele, o juiz, esgota sua energia para trazer um mínimo de sossego aos que o encaram com olhos aflitos por um bálsamo.

Quem já não saiu frustrado de uma audiência em que não se conseguiu um resultado satisfatório? Quem já não detestou uma sua decisão onde, por mais que se buscasse o desiderato tido como adequado, apenas resolveu a trajetória processual e não o drama humano apontado?

Todavia, “a latere”, quem já não saiu orgulhoso de si e do sistema por ter, numa audiência ou numa sentença, solucionado o embate humano travado e levado um pouco de paz aos suplicantes? Esta a nossa rotina, patinando por vezes e andando com desenvoltura noutras.

Mas o juiz também é pessoa, é humano, é vivente e sofre como qualquer outro. Não tem ele uma blindagem, uma carapaça que o torna invulnerável e avesso às borrascas da vida. Lidamos com tudo isso que a existência nos proporciona e traz como um brinde aos que respiram, apenas aprendemos a lidar com isso e a deixar, ao menos por alongados momentos, que isso não nos atormente, já que a faina de resolver problemas dos outros nos convoca.

**Mas o juiz
também é
pessoa, é
humano, é
vivente e sofre
como qualquer
outro. Não
tem ele uma
blindagem,
uma carapaça
que o torna
invulnerável
e avesso às
borrascas da
vida.**

Enfim, não estou rendendo homenagens aos que enveredaram pelo uso da toga, mas sim àqueles que nos enxergam como criaturas dotadas do poder de tirar com a mão algumas dores da alma. Abençoados nós magistrados que somos assim vistos por alguém, já que mais de nós lembram por eventuais erros do que pela multiplicidade de acertos.

Os que miram de balde um fogão sem lume de forma perene na sua existência, e não são poucos, são a razão de um dia termos optado por prestar um concurso público e sair pelo Rio Grande à fora deixando nossas marcas e nossos afetos. A eles, portanto, a minha pessoal reverência.



14

MÃE DE **ADOLESCENTE**

Katiuscia Kuntz Brust

Juíza de Direito,
facilitadora de Justiça
Restaurativa, mãe de
duas adolescentes.

Nunca tive dúvidas em relação ao desejo da maternidade. Sempre soube que queria ser mãe.

Durante a gravidez, estava tranquila e confiante de que seria ótima nesta missão. E no exercício da maternidade, confesso sem modéstia: sempre me considerei uma mãe acima da média, daquelas que acerta mais do que erra.

A maternidade e os seus sacrifícios nunca foram problema. Mas ter um tipo de filho e, de repente, da noite para o dia, ver ele se transformar em outra pessoa... Isso é difícil. É praticamente uma quebra de contrato.

**Os sinais estavam ali, é verdade.
Eu é que não quis enxergá-los.**

Até poucos dias atrás, eu sabia exatamente o tamanho da minha importância, identificava claramente os meus propósitos. Era motivada, consciente e presente. Há pouco tempo, eu era mãe de uma criança. Eu era necessária e imprescindível.

E agora, eu tenho uma adolescente em casa. Continuo exercendo plenamente a maternidade, mas confesso estar mais tensa diante de uma mini cópia minha. Essa situação me trouxe novas inseguranças. Será que eu conseguirei ser uma boa mãe para alguém tão parecido comigo? Porque, vamos combinar, eu sei ser horrível comigo mesma.

E o pior: não sou mais mãe da criancinha que me olhava com olhos de admiração e amor irrestrito, daquela menina doce que corria para me contar suas descobertas e trazia flores colhidas por aí. Aos poucos, as coisas mudaram.

Os sinais estavam ali, é verdade. Eu é que não quis enxergá-los. Primeiro, foi a mãozinha dela que não buscava mais a minha. Em seguida, respostas monossilábicas. Quando me dei conta, a porta do quarto dela se fechou.

E neste momento, tenho diante de mim uma pessoa diferente, independente, inteligente, articulada e de gosto refinado. Ela questiona e argumenta. E, às vezes, aliás, tem razão e escancara o meu erro!

Do seu dia, das suas aulas e dos seus amigos, só sei que ora são legais, ora chatos. O porquê, as circunstâncias, os detalhes eu desconheço. Não sou mais seu mundo todinho. Sou só uma parte dele – e uma parte, que na opinião da minha adolescente, poderia ser radicalmente diminuída...

Os detalhes da vida dela eu descubro tentando ser amiga das amigas. Quando a turminha está lá em casa, eu fico à espreita. Faço um lanche e fico arrumando algo - tudo para saber se ela está bem.

Aceitar este espaço menor está sendo difícil para uma “mãe acima da média”. Li em algum lugar que os pais convivem 80% do total do tempo com os filhos até os 12 anos deles. Eu esqueci onde vi esta informação, mas preferia ter esquecido da estatística. Afinal, se ela for verdadeira, eu só tenho ainda 20% do tempo a ser vivido com minha adolescente.

E esta constatação em relação à maternidade, de que é mais curta do que imaginamos, é o difícil de aceitar.

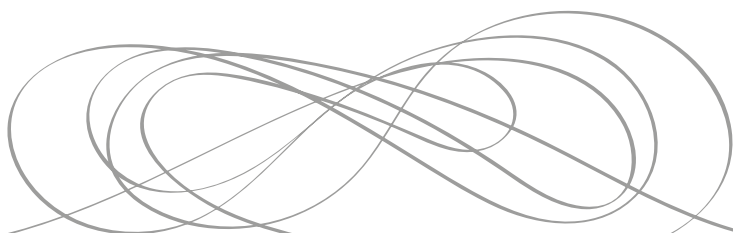
Por ironia, agora que me dou conta disso, a minha doce adolescente pouco precisa de mim. Ela já se vira e resolve boa parte de seus problemas. Até quando me pede ajuda está fazendo tudo do seu jeito.

**E esta
constatação
em relação à
maternidade,
de que é mais
curta do que
imaginamos,
é o difícil de
aceitar.**

E o tempo de maternidade que me sobra, é só para assistir seu caminhar, meio de perto, mas não muito, me conformando com um novo papel. Se eu disser que a roupa ficou bonita, pode ter certeza: ela vai trocar. Se eu fizer perguntas, sou intrometida. Dar uma opinião é falta gravíssima, punida com horas de mau humor e silêncio.

Enfim, resta adaptar-me. Se apertar o passo e se distanciar, vou ter que me conformar e ficar a uma distância que permita ela me enxergar quando precisar olhar para trás. Se ficar por perto, vou ter que me conter e não sufocar, para ela continuar juntinho. A minha adolescente precisa de espaço e quer conquistar liberdade.

E eu, uma pessoa que sempre quis exercer a maternidade, que acredita ser acima da média, que ama cada fase do desenvolvimento, tenho uma única certeza neste momento: a de que preciso de mais tempo.





15

REMINISCÊNCIAS

Luís Francisco Franco

Juiz de direito da Terceira
Turma Recursal Cível do
TJRS. Amante da leitura.

Chegou à frente da porta da casa e parou.

Titubeou, ficou com receio de entrar.

Tudo lhe remetia a um passado cheio de alegrias, de vida familiar intensa.

No caminho até a casa, dentro do carro do tio, passara na frente da escola onde estudou. Viu-se naquelas crianças que, sorridentes, de mãos dadas com o pai ou com a mãe, iam alegres para mais um dia de aula.

Tentou perceber se reconhecia alguém entre os mais crescidinhos, mas o carro passou rápido e não deu tempo de fixar-se direito em ninguém.

O tio o incentivou e, juntos, entraram na casa.

**Lembrou-se que brincava com esse
carrinho no colo do pai enquanto ele
tentava folhear seu jornal.**

No primeiro passo, já dentro da casa, senti o perfume da mãe, que ainda pairava naquele lugar. Arrepiou-se. Esse perfume remetia a colo, a proteção, a aconchego.

Num vislumbre, veio-lhe à memória o rosto meigo da mãe sorrindo para ele.

Ela costumava abaixar-se para falar com ele. Colocava-se na sua altura. Deitava no chão para brincarem e os dois riam e se abraçavam.

Isso era o céu!

Parou na sala e viu que alguns de seus brinquedos ainda estavam espalhados pelo chão.

Ali, a poucos passos, estava seu carrinho preferido.

Lembrou-se que brincava com esse carrinho no colo do pai enquanto ele tentava folhear seu jornal.

Visualizou a poltrona em que o pai costumava sentar-se na sala. Parecia vê-lo naquele momento batendo com a mão na coxa da perna para que subisse no colo dele.

Meio irresoluto, sentou-se na poltrona. Fechou os olhos e recostou-se no encosto. Imediatamente, sentiu a mão do pai passando por trás de sua cabeça, massageando seus cabelos.

Como isso era bom!

Correram lágrimas descontroladas por sua face.

O tio amparou-o.

Não tinha forças para continuar a caminhada dentro da casa.

Cada centímetro dela era carregado de lembranças.

Girou a cabeça e viu a cozinha, que era, em espaço aberto, contígua à sala.

Parece ter ouvido a voz da mãe chamando ele e o pai para o almoço ou o jantar.

Ele era o único filho, centro das atenções dos pais.

Disse ao tio que não queria ficar mais ali, não estava suportando.

Os dois, abraçados, saíram da casa em direção ao carro.

Desde o acidente, era a primeira vez que ele retornava àquele lugar.

O vazio que estava sentindo vivendo com o tio e a tia, em que pese o carinho deles para consigo, era muito grande.

Imaginou que o retorno à casa em que morou com os pais preencheria esse espaço interno ocupado pela saudade e pela dor de ter perdido os dois há três meses.

**O vazio
que estava
sentindo
vivendo com
o tio e a tia,
em que pese o
carinho deles
para consigo,
era muito
grande.**

Foi bom ter voltado lá e percebido que existiu alegria e vida com seus saudosos pais.

Ainda não estava sabendo lidar com a perda.

Sentado na escada da frente da casa dos tios, percebeu a chegada dos vizinhos que recém haviam se mudado para a casa ao lado.

Seu olhar encontrou o olhar de Mário, filho dos vizinhos que tinha idade similar à sua.

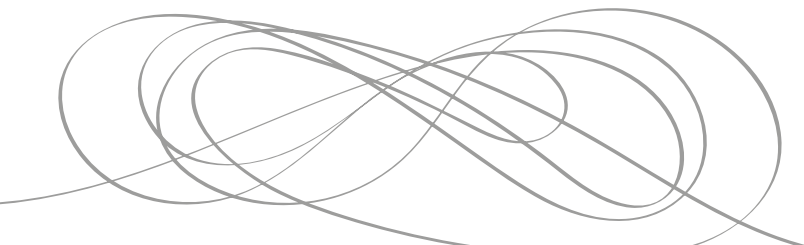
Mário gritou da frente da garagem da casa dele:

- Hei, vizinho, não quer jogar bola comigo?

Esse convite foi como um bálsamo.

A partir de então, percebeu que a alegria podia persistir e preencher seu vazio interno.

A vida seguia seu curso, como tinha que ser.



16

APRENDIZADO INTERNALIZADO

Miguel Antonio Juchem

Magistrado Aposentado
(RGS). Advogado.
Psicoterapeuta
Reencarnacionista.

- Não há felicidade sem vitória sobre a adversidade.
- Idoso e velhice não são sinônimos. Idoso tem a ver com idade. Velhice tem a ver com rabugice.
- Se não há possibilidade para maleabilidade, não há liberdade.
- Cantar, sempre cantar, mesmo que desafinar, pois o desafinar também é parte do amar.
- O amor tem várias nuances, vários lances, várias chances.
- A melhor amizade que existe é aquela que a todo o vendaval resiste.
- Aprendendo a lidar com nossas agonias não vamos estragar nossos dias.

– Quem com consciência elevada seus pensamentos não permear, no final em sua própria teia vai se enroscar.

- Amizade verdadeira não tem eira nem beira pois transborda qualquer borda.
- Que não tenhamos carinho só com o nosso carrinho.
- Nunca se vai esquecer o bem que se fez para um outro coração aquecer.
- Improvisado não quer dizer que não possa ser caprichado.
- Se o amor se foi é porque amor nunca foi.
- Quem se põe a fazer o escrever é pelo prazer de filhos fazer.
- Fama e sucesso não são sinônimos. Fama pode ser só flama. Sucesso é progresso.

- O que na vida se regar é o que se vai carregar.
- Quem só espera não se supera.
- Quando se optar por deitar e rolar, muito cuidar, pois este embalar pode nos enrolar.
- Quem com consciência elevada seus pensamentos não permear, no final em sua própria teia vai se enroscar.
- Lembrar sempre de nossa inevitável flacidez para passarmos a investir em nossa inefável placidez.
- Humano. O último elemento da criação e o primeiro fermento da destruição.

- Na vida não é raro sermos um jogador que joga em nosso desfavor.
- Nossa vida é para ser um lume, mas se não a levarmos com ética pode virar um gume.
- O risco de deixarmos nos aprisionar pelo padrão da bolha é virarmos uma tolha.
- Boas serestas ajudam a aparar várias arestas.
- Poetar é fazer a prosa cantar.
- Não precisa de mais brilho quem já tem o brilho do brio.
- Se não conseguir colher, não precisa se encolher. É caso para um novo escolher.

**- Não precisa
de mais brilho
quem já tem o
brilho do brio.**

- Ser mais lúdico ajuda a ser mais lúcido.
- Um bom coração não precisa de ostentação.
- Todas as criaturas são crias das alturas.
- Sempre melhor conferirmos sobre o melhor feito que temos feito.
- O melhor presente a experienciar é o passado perscrutar e dele as lições tirar para um melhor futuro edificar.
- Pais não são só os que fazem mas os que também comprazem.
- Alma não tem arma, mas tem carma.
- Nosso melhor valor está naquilo que nossa estampa tampa.

17

A VOZ DOS INJUSTIÇADOS

Naomi Schröder

Aluna que conquistou
o primeiro lugar Ensino
Fundamental no II
Prêmio AJURIS de
Redação nas Escolas

No cerne de qualquer sistema de justiça equitativo eficaz, encontra-se a necessidade fundamental de ouvir as vozes que ecoam nas entrelinhas do tecido social. A pergunta “quem a justiça precisa ouvir?” abre uma porta para uma análise profunda e crítica sobre como as decisões judiciais afetam diretamente a vida das pessoas e como a busca pela verdade e pela justiça deve ser um processo inclusivo e representativo.

Primeiramente, é crucial que a justiça ouça as vítimas. Os indivíduos que sofreram injustiças são os protagonistas das histórias que se desenrolam nos tribunais. Ouvir as vítimas não apenas dá a elas a oportunidade de compartilhar suas experiências, mas também permite que a justiça compreenda a extensão do dano causado e tome decisões informadas sobre a reparação e punição adequadas.

Além disso, é essencial ouvir os acusados. O devido processo legal exige que todas as partes envolvidas tenham a oportunidade de se defenderem e apresentarem sua versão dos acontecimentos. Ouvir os acusados não apenas garante que todas as perspectivas sejam consideradas, mas também ajuda a evitar condenações injustas baseadas em informações incompletas ou tendenciosas.

As minorias e grupos marginalizados, por sua vez, merecem uma atenção especial. A história tem mostrado que sistemas de justiça podem perpetuar desigualdades, a menos que os grupos que historicamente foram silenciados sejam ouvidos. As vozes das minorias raciais, étnicas, de gênero, LGBTQ+ e outros grupos marginalizados são

Somente ao ouvir todas essas vozes é que podemos aspirar a um sistema de justiça que realmente cumpra seu propósito de garantir a verdade e a equidade.

cruciais para garantir que as decisões judiciais sejam verdadeiramente imparciais e justas.

No entanto, ouvir não basta. A justiça deve estar disposta a agir com base nas informações e perspectivas fornecidas. É imperativo que as vozes que a justiça ouve se traduzam em políticas e decisões concretas que promovam a equidade e a justiça para todos os cidadãos.

Portanto, a resposta à pergunta inicial deve ser abrangente e inclusiva. A justiça deve ouvir as vítimas, os acusados, a sociedade em geral e os grupos marginalizados. Somente ao ouvir todas essas vozes é que podemos aspirar a um sistema de justiça que realmente cumpra seu propósito de garantir a verdade e a equidade. A busca pela justiça não é um monólogo, mas sim um diálogo entre todas as partes interessadas na busca por um mundo mais justo e humano.



18

LA CHINITA

Newton Fabrício

Desembargador.
autor do livro
Peleando contra
o Poder.

O pequeno mundo de Marquito Urquiza, na fronteira, quase desmoronou quando perdeu a mulher, vítima de uma doença que era pura judiaria. Porém, tinha uma filha pra criar. Tinha de seguir em frente.

Passaram-se os anos, numa vida em que um dia era igual a todos os outros. Acordar cedo, tirar o leite das vacas, cuidar da filha, dos porcos, do rebanho, e da pequena propriedade lindeira a uma grande estância.

E foi numa dessas noites de desafogo e solidão que tomou conhecimento de que tinha china nova no cabaré da castelhana Martita. Foi até lá e arreglou com Martita que a noite de La Chinita seria toda dele.

Mas a filha cresceu. Era já uma mocita, na flor dos quinze anos. E numa madrugada em que a lua se escondeu atrás da coxilha, desapareceu a filha na garupa do alazão de Pedro Charão.

O mundo de Marquito Urquiza quase acabou pela segunda vez. No entanto, era necessário seguir em frente. Enfrentar a dura lida de todos os dias. Desistir, jamais.

Uma vez por mês, no último sábado, encilhava o zaino e cavalgava até o povoado, onde desafogava a solidão de viúvo em uma garrafa de canha, na cama de alguma china.

E foi numa dessas noites de desafogo e solidão que tomou conhecimento de que tinha china nova no cabaré da castelhana Martita. Foi até lá e arreglou com Martita que a noite de La Chinita seria toda dele.

Pegou o trago de canha e entrou no quarto. Em cima da cama, com o sangue jorrando, em borbotões, dos pulsos, estava La Chinita, la pequeña hija de Marquito Urquiza.

19

AFETOS E **ENTUSIASMOS**

Paulo de Almeida Ferreira

Juiz de Direito, Mestre
em Direito, dedicado à
literatura e filosofia.

Como saber que está amando?

Ninguém lhe diz

Nem pode ser explicado de forma
racional, como uma teoria

Assim, como se sente a dor, se vivencia
o amor

Não se trata de um desejo repentino
que desaparece de uma hora para outra,
como a paixão

A paixão é um modismo

Desaparece sem dar satisfação

Mas seria a paixão o início de um amor?

Uma tempestade não se perpetua, porém o que
ela causa pode ser duradouro, assim como do sexo
vem a gestação.

O instável não só desconstitui, às vezes cria

Na paixão é como caminhar no fio da navalha...é
sempre uma batalha

É adrenalina, potência, motivação

Como acordar e saber que ganhou um milhão!

Vicia

E se quer paz, largue o vício

Ou ao menos diminua o gás

**Uma
tempestade
não se
perpetua,
porém o que
ela causa pode
ser duradouro,
assim como
do sexo vem a
gestação.**

Mães sempre amam os filhos,
mas não se dizem apaixonadas
por eles. E isso prova que
paixão e amor não podem
coexistir?

O apaixonado apaga fogo com
gasolina

Tem aversão à rotina

E aquele que ama quer
contemplar a colina ...e sabe
que rotina e monotonia são
coisas diversas

20

A VOZ
ATRAVÉS
DO SILÊNCIO

Raquelí Bohnemberger

Aluna que conquistou
o terceiro lugar Ensino
Fundamental no II
Prêmio AJURIS de
Redação nas Escolas

Era mais um dia comum em meio todo o barulho da cidade grande, quando ouvi um homem dizer entre sussurros: “Ouçam bem o que venho dizer: quem a justiça precisa ouvir?”. Fiquei intrigada e fui até ele lhe questionar sobre sua fala, vestia um terno desgastado e segurava uma placa improvisada, o mesmo que me despertou curiosidade.

Perguntei-lhe sobre o que significava este seu protesto, o homem, que se chamava Jairo, me explicou parte de sua história. Ele me contou que era um ex-advogado que lutava a favor de justiça e igualdade dos mais excluídos e vulneráveis que sofriam violações de seus próprios direitos, pessoas em condições precárias, sem acesso à saúde e educação básica, onde tiveram suas vozes abafadas pela indiferença e pela burocracia da justiça.

Enquanto Jairo me contava sobre suas experiências, pude perceber a determinação e paixão pelo seu trabalho que seus olhos expressavam, ele acreditava que o poder estava nas palavras, histórias e testemunhos que ecoavam nos corredores dos tribunais.

**Naquela tarde
percebi que
todos somos
responsáveis
por ouvir o
que a justiça
precisa dizer.**

Naquela tarde percebi que todos somos responsáveis por ouvir o que a justiça precisa dizer. Não importa se somos juízes, estudantes ou cidadãos comuns, temos o dever de dar voz aos que foram silenciados, de lutar pelos injustiçados e garantir que todos sejam tratados com dignidade e respeito.

Levantei-me para partir e agradei a Jairo por compartilhar sua história e suas opiniões. À medida em que me afastava, ouvi levantar sua placa novamente e sabia que, mesmo que nem todos o escutassem, suas palavras plantarão sementes de mudança em corações e mentes. Assim, naquele dia o cotidiano ganhou um novo sentido, a frase de Jairo permaneceu como um lembrete constante de que a justiça depende de nós, pois temos o poder de ouvir e agir.

21

Samyra Remzetti Bernardi

Juíza de Direito.

Era um domingo de manhã. Parecia aquelas cenas de assombração, sabe, moça?

Eu *tava* ali, tomando meu mate na frente de casa. Aquele céu azul, um sol gostoso, daquele que a gente até fecha o olho *pra* sentir o calorzinho depois de uma noite gelada, entende? Eu e a comadre. Daí veio a procissão.

Eram uns seis homens carregando o caixão. Mais uns dois com as pás. E umas mulheres chorando atrás.

Entraram no meu pátio, todos eles. Botaram o caixão no chão e começaram a cavar.

Levei um susto. Mas o que significa isso? Essa casa é minha! Saíam daqui! E levem esse caixão! Deus me livre! Deus me perdoe!

Começaram a falar que o homem tinha que ser enterrado ali. Era pedido do morto, combinado com o seu Paulo. Mas o seu Paulo não falou nada quando eu comprei!

Onde já se viu isso, moça? Não pode! Não pode! Como que vai enterrar um homem no meu jardim? Eu nem o conheço!

Foi um furdunço! Eu e a comadre gritando que não era *pra* enterrar, eles dizendo que iam enterrar sim.

E começaram a cavar, moça! Cavaram! Fizeram um buraco no meu jardim!

E o corpo lá. Aquele caixão nos observando.

Parecia deboche.

Daí chegou a polícia. Nem sei quem chamou. Deve ter sido uma daquelas lá que *tava* chorando.

**Deixei, sabe,
moça, que
enterrassem.
Fiquei com
pena. Do
morto, das
mulheres
chorando.
Deve ser
pecado deixar
o morto ali no
meio da briga.**

O brigadiano se botou no meio, disse *pra* gente fazer um acordo porque não dava *pro* corpo ficar ali *pra* sempre. E era o desejo do morto. E *tava* todo mundo chorando. E ninguém aguentava mais.

Deixei, sabe, moça, que enterrassem. Fiquei com pena. Do morto, das mulheres chorando. Deve ser pecado deixar o morto ali no meio da briga.

Mas é que me prometeram que iam enterrar, mas iam tirar depois! Era só deixar passar um tempo, *pra* não ficar com cheiro. Depois, quando estivessem só os ossos, iam voltar para pegar o morto.

Agora eu tenho uma cruz no meu jardim. Um morto desconhecido embaixo. Nunca voltaram. Só eu rezo por ele.

Mas *to* cansada de rezar. Como tiro aquele homem de lá?



22

CICLOS DA VIDA

Suênia Izabel Lino de Souza

Mestre em Educação, membro titular da Confraria Artistas e Poetas pela Paz (CAPAZ), com publicação nas Antologias, Revista Contra Pontos, Revista do Professor, Revista eletrônica Acta Scientiarum Biológicas Sciences, dentre outros...

O tempo, soberano do nosso destino,
Revela que a vida floresce em ciclos,
Num compasso sutil, na dança do existir,
E isso não é negativo, tampouco ruim;
Faz parte da jornada que um dia chega ao fim.

Ciclo que vai, ciclo que vem, eterno vai-e-vem,
A cada novo ciclo, a luz do amor Deus provê,
A coragem para viver com fervor e paixão,
Abraçando as fases da vida, em cada clamor.

Provê a emoção que acende a paixão,
Essência da felicidade, pura conexão.
Provê a sabedoria, um coração a pulsar,
Que faz da gratidão sua eterna oração.

Provê a maturidade, com clareza a entender,
E, com a alma repleta, saber agradecer.
Agradecer pelo amor e pelo ser amado,
Pela jornada que tece um tempo encantado.

Agradecer ao Criador pela vida em flor,
Pela família unida, pelos amigos com emoção,
Pelo afeto sincero que um fiel cão nos traz,
Pela energia vibrante que em cada ser se faz.

Por trilhar com leveza o caminho da razão,
E semear a bondade, a luz da recordação,
Celebramos a jornada, em flor a resplandecer,
Nos ciclos da vida, onde a paz vem nos tecer.

**Por trilhar
com leveza
o caminho
da razão, e
semear a
bondade, a luz
da recordação,
celebramos
a jornada,
em flor a
resplandecer,
nos ciclos da
vida, onde a
paz vem nos
tecer.**

Celebramos a
existência que em flores
se entrelaçou,

Na beleza das
memórias e no perfume
do amor.

Contemplando a
bagagem, com paz e
gratidão,

Em cada ciclo, renasce
um novo coração.

Assim, a vida se revela
como um eterno abrigo,

Onde os sonhos se
tramam, e o amor é o
amigo.

Que a luz da compaixão
sempre possa brilhar,

E em cada nova
primavera, possamos
nos encontrar.

23

A HISTÓRIA QUE **NINGUÉM OUVIU**

Thyenrrí Pietro Mello dos Santos

Aluno que conquistou
o segundo lugar Ensino
Fundamental no II Prêmio
AJURIS de Redação nas
Escolas

De repente me acordo de um sono profundo, observo ao meu redor e dou um grito “eu tô no mundo!” Logo me levanto, escovo meus dentes e lavo meu rosto.

Em seguida, pego minha “*magrela*”, dobro a esquina e vejo aquele “*cupinxa*” de coração, que inclusive já partimos em várias missões. Continuo indo em direção ao mercado, pedalando minha “*bike*”. Avisto a donzela que tomou o coração do “*favela*”, em seguida dou um abraço nela, sinto seu aroma e isso me acelera. Ponho ela na minha garupa e seguimos ao mercado.

Seguindo meu dia, chego ao mercado, estaciono a “magrela”. Eu e minha donzela entramos, compramos bolacha, refrigerante e pão. Logo em seguida pagamos a conta e saindo vejo dois carros pretos e ouço cinco disparos em nossa direção. Saio correndo e nem imaginava viver aquela cena: a vi de longe atirada no chão e isso partiu meu coração... Mas sigo correndo sem direção, ofegante. Penso: “e agora, quem vai me ouvir?” Ligo pro “homi” e peço apoio e carregamento aos “cupinxas”, fomos atrás resolver a situação.

112

**Saio correndo e
nem imaginava
viver aquela
cena: a vi de
longe atirada
no chão e isso
partiu meu
coração...**

Chegando lá teve um certo tumulto, atingimos alguns alvos e pensando eu que já havia acabado, ouço um disparo, logo caio no chão e os moradores chamam a ambulância e me levam ao hospital.

- Toc, toc, toc... café, café!

Acordo-me entre quatro paredes e na janela uma grade, “Ufa! Foi só um sonho.” Será que na FASE vão me ouvir?

113



24

PERDEDORES

Wilson Rodycz

Desembargador aposentado do TJRS. Dedicou-se à literatura. Em 2024, publicou o livro de contos: "Cada qual com seus danos e outras histórias" (Editora Metamorfose, Porto Alegre)

Por fora, é um muro de três metros de altura, com uma porta de ferro, baixa, encimada pela inscrição: "Casa de Correção". Por dentro, o edifício é um barracão em L: na perna menor fica a cozinha, na maior, umas trinta celas de quinze metros quadrados, encerrando cada uma cinco ou mais detentos. As narinas de quem ali entra pela primeira vez ficarão marcadas para sempre: o cheiro vem da urina, do suor, da comida estragada. Num puxado em meia-água funciona a fábrica de bolas, trabalho facultativo, mas requisito obrigatório para eles obterem qualquer benefício.

Nas proximidades da entrada, sempre há grupos de pessoas de idades variadas, mães e filhos; esperam uma improvável oportunidade de entrever alguém se movimentando no pátio, que para eles ainda é o seu ente querido.

O jogo mal começa, aos dois minutos o adversário faz gol, deixando a todos cabisbaixos.

De cinquenta e poucos anos e cor alourada-encardida, Geraldo Chapéu é um homem quieto, respeitado no ambiente. *Nie ma problemu*, não tem problema, repete; herança da língua aprendida em casa, já quase esquecida. Centrado em obter a condicional, trabalha forte, é capaz de produzir cinco bolas por dia, que um empresário compra por dez Cruzeiros e revende com lucro. O material fornecido é de baixa qualidade, gomos de couro pintados de marrom, já vêm cortados. As agulhas não são boas, quebram fácil, eles as manejam sem habilidade, furam os dedos. Os barbantes se esfiapam, precisam ser besuntados com cera de velas derretidas. O resultado são bolas fajutas, mas é o possível.

Enquanto trabalham, ouvem no rádio um jogo da Copa. ‘*A taça do mundo é nossa / Com brasileiro não há quem possa*’, sucesso musical das conquistas anteriores, embala outra vez os sonhos, também deles. Entre chiados e fugas de sinal, o locutor ataca, ufanista:

“Aqui, Liverpool, 19 horas e 30 minutos deste 15 de julho histórico, noite quente, somos testemunhas de mais uma jornada do escrete canarinho. Depois de ganhar da Bulgária na última terça-feira, hoje vamos garantir a conquista definitiva da Jules Rimet, vencendo a Hungria, mas não atuará Pelé; com Gerson no lugar de Denílson, Lima deve ficar mais recuado...”

O jogo mal começa, aos dois minutos o adversário faz gol, deixando a todos cabisbaixos.

— Essa Copa não vem pro Brasil, o time é muito velho, o Djalma Santos já tem trinta e sete, o Belini, trinta e seis, o Garrincha tá bichado — diz algum dos colegas, desanimado.

As opiniões se sucedem:

— Ganhemo da Bulgária, mas hoje o osso é mais duro, a Hungria é campeã de tudo, e ainda tamo sem o Pelé...

— Os búlgaros quase mataram o Rei de pancada,
com o Tostão não dá!

Eles repetem o que os locutores dizem.

“São jogados quatorze minutos do primeiro
tempo, cruzamento de Paulo Henrique na
intermediária, Rákosi corta com a mão. Lima bate
forte e rasteiro, a bola desvia em Mátrai, atenção,
sobrou para Tostão na marca do pênalti, bateu de
primeira no ângulo esquerdo, goool do Brasiil, um
a um, torcida brasileira!... *‘Êh, êta esquadrao de ouro
/ É bom no samba, é bom no couro’*...”

Geraldo Chapéu continua com os olhos na costura:

— Não me entusiasmo, pra não me decepcionar
depois, se nós perdê...

**Na maioria,
tentou ser
motorista, mas
não deu para
tirar a carteira.
Acabou na
construção
civil, iniciou
meia-colher e,
com o tempo,
se tornou
mestre-
pedreiro.**

Quando alguém lhe pergunta o
motivo de estar preso, responde:

— Não sou criminoso, crime é
roubar; sou cento e vinte e um, o
desgraçado do Kröte me provocou
por anos a fio, um homem tem que
ter colhão, um dia senti o sangue
ferver e descarreguei o trinta e dois,
não me arrependo.

Trabalha desde os quatorze, primeiro
como ajudante numa madeireira,
depois no comércio. Na maioria,
tentou ser motorista, mas não deu
para tirar a carteira. Acabou na
construção civil, iniciou meia-colher
e, com o tempo, se tornou mestre-
pedreiro. Seu trabalho é apreciado:

**Chapéu está preso há mais de dois anos.
Quando cumprir metade dos seis da
sentença, poderá pedir o livramento.**

— Nunca ninguém reclamô do prumo das minhas parede, nem do nível dos meus piso, ou do ajuste das minhas porta e janela! — Orgulha-se das suas habilidades. — Eu economizo nos material, pra sobrá dinheiro pros patrão podê pagá o meu.

“...São decorridos dezenove minutos do segundo tempo, Benê cruza para a área, Farkas emenda de primeira no canto esquerdo, sem chances para Gilmar, gol da Hungria, dois a um, lamentááável, torcida brasileira...”

Chapéu está preso há mais de dois anos.
Quando cumprir metade dos seis da sentença,
poderá pedir o livramento. O Seu Alves, o
administrador, atestará as horas trabalhadas

e o seu bom comportamento. Confia. E que o Conselho lhe reconhecerá o favor legal. Dormirá na cadeia, mas de dia trabalhará numa obra, num concerto, qualquer coisa, e poderá amparar a mulher e os filhos mais jovens — os outros já são independentes.

As coisas pioram aos vinte e oito minutos: Albert é derrubado na área, o juiz marca pênalti, Mészöly bate forte e rasteiro no canto direito. Gilmar nem pula: Hungria, três a um. Nenhum hino.

Fim do jogo.

— Será que terça-feira vamo ganhá de Portugal?

— Será que sábado vou tê visita?

33º CADERNO DE LITERATURA

Organizado por

Samyra Remzetti Bernardi

Produção

Josué Borges Brito

Relações Públicas (REG-4024)

Revisão

Debora Porto

Escola de Escritoras

Conceito Criativo, Projeto Gráfico e Diagramação

Carolina Fillmann, por Design de Maria

Capa

Carolina Fillmann, por Design de Maria

Impressão

Gráfica Odisséia



80AJURIS

ISBN: 978-65-992702-8-4



CDL